

Rod ELLIS (Ed.). *Becoming and Being an Applied Linguist*. Amsterdam/
Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2016. 373 pp.
ISBN 978 90 272 1237 5 (HB)
ISBN 978 90 272 1238 2 (PB)
ISBN 978 90 272 6678 1 (E-Book)

Ângela Filipe Lopes

angela.tita@gmail.com

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)

Becoming and Being an Applied Linguist é um volume de 2016 editado por Rod Ellis, docente e investigador na área do ensino-aprendizagem da gramática do inglês, como língua segunda (L2). É também autor da introdução, do primeiro dos treze capítulos que integram a obra e da conclusão.

Cada capítulo é uma autobiografia profissional de autores como J. C. Alderson, o próprio R. Ellis, Dana Ferris, Susan Gass ou K. Hyland, entre outros investigadores na área da Linguística Aplicada ao ensino de línguas. Os textos caracterizam-se por fugirem ao registo académico associado a estes investigadores e constituem uma leitura que, mesmo sendo técnica não obstante ser menos formal, permite compreender a visão de cada autor relativamente à sua área de estudos e à forma como esta evoluiu nos últimos 40 anos. O editor, Rod Ellis, descreve o volume como um estudo incidente sobre autobiografias de investigadores cujo objetivo é compreender não só o percurso destes autores no contexto do desenvolvimento e afirmação da Linguística Aplicada ao ensino de línguas, mas de problematizar os próprios conceitos de *applied linguistics* e de *applied linguist*.

O editor desta obra propõe-se, portanto, estudar um *corpus* que incide principalmente sobre três momentos fundamentais da vida profissional de treze investigadores reconhecidos nas suas áreas: a fase em que exercem a função de docentes de inglês como L2, o momento em que optam por aprofundar a sua formação universitária e o posterior desenvolvimento das suas carreiras académicas. É com base nestes três pontos da vida profissional destes docentes que Ellis se propõe ilustrar o movimento que fazem desde a abordagem prática ao ensino a uma perspectiva mais académica da mesma área.

A escolha dos participantes não é casual. De acordo com o editor, este género de estudo versa habitualmente sobre os percursos de aprendentes ou docentes de línguas (Ellis 2016: 1), mas no caso deste volume, o fator diferenciador é o perfil de sujeito, na medida em que os participantes são os próprios investigadores e o material analisado distancia-se do registo habitual.

Ellis explica a que critérios obedeceu a sua seleção de autores: “I wanted authors whose work bridged the gap between the practice of research and the

practice of language teaching and testing” (Ellis 2016: 3). Neste sentido, deu prioridade àqueles estudiosos que abordam temas de interface entre a Linguística Aplicada e o ensino-aprendizagem de *línguas*, com enfoque na L2, como são, por exemplo, as abordagens que alguns dos participantes preconizam relativamente ao ensino da gramática ou de vocabulário, ao ensino de línguas baseado em tarefas, à motivação, ao ensino da escrita, ao discurso académico ou a aspetos ligados à cognição ao serviço da aprendizagem.

Por outro lado, Ellis aponta os professores de línguas e os investigadores recentes nas áreas mencionadas como o público-alvo deste volume, razão pela qual escolheu os autores em questão. Interessou-se sobretudo por investigadores que não só demonstrem “the relevance of their work to teaching but also to do so in a way that makes their writing readable by teachers and novice researchers with limited knowledge of their fields.” (Ellis 2016: 3). Com efeito, a preocupação com o impacto que a escrita académica tem sobre o público leitor é apontada por Ellis como um pilar da produção académica nas áreas da Linguística Aplicada que tocam o ensino das línguas. Para este autor, a relevante mobilidade entre as subáreas que a compõem tem um papel determinante na prática docente e obriga a considerar os canais através dos quais flui a comunicação entre as mesmas áreas quer entre si, quer com aqueles que devem beneficiar da produção académica em questão. Aponta assim para a urgência de adotar um registo menos hermético na escrita académica neste âmbito, de molde a que os textos resultem mais objetivos, práticos e acessíveis. Num resumo do perfil do investigador de linguística aplicada ao ensino de línguas, Ellis refere que “applied linguists need to become experts in their chosen field of specialization, (...) but also to demonstrate the relevance of their work for language pedagogy in a form that is usable by practitioners” (Ellis 2016: 4).

O perfil de investigador na área do ensino de línguas surge aliado à problematização de cariz epistemológico a que Ellis *não se escusa*. Começa por questionar os critérios que colocam algumas áreas da Linguística Aplicada no centro da disciplina enquanto outras são consideradas periféricas. Da clarificação entre o que é fundamental e periférico na Linguística Aplicada depende, de acordo com Ellis, a afirmação do seu estatuto como disciplina académica que, no entender do estudioso, se mantém pouco definida. No sentido de demonstrar esta dispersão, descreve a variedade de designações dadas aos departamentos em que ele próprio e muitos dos colegas envolvidos no volume desenvolveram a sua atividade:

The authors of the life histories found themselves placed in a variety of different academic units in their universities – in an English Department, in a School of Education, in a Linguistics Department, in Foreign Languages, and only sometimes in a department that had Applied Linguistics in its own name (Ellis 2016: 358).

Paralelamente, Ellis reforça a necessidade de explorar o caráter multidisciplinar da Linguística Aplicada, colocando-o ao serviço da prática pedagógico-didática. Tendo em mente que o processo de ensino-aprendizagem não é ele próprio um conjunto estático de processos encapsulados, defende uma abordagem prática e interativa tanto à investigação como à dimensão aplicada que esta encerra. Se, em muitos casos, a sala de aula é um laboratório em consequência da investigação teórica, noutras é dela que partem os problemas que levam à consulta teórica como ponto de partida para a implementação de soluções. Paul Nation, por exemplo, explica que a maioria das suas publicações derivam objetivamente das dificuldades de teor pedagógico-didático do momento (p. 56). Assim, no *último* parágrafo da sua conclusão ao volume, Ellis deixa mesmo um repto de cariz epistemológico: “Perhaps (...) what is needed is research that investigates what uses (if any) practitioners involved in teaching, testing and teacher education make of applied linguistic research or of their own practitioner research” (Ellis 2016: 366). Mais do que questionar a utilidade da disciplina em si mesma, Ellis interroga-se relativamente aos canais de comunicação entre a academia e as salas de aula sem os quais as atividades desenvolvidas em ambos os extremos do percurso podem perder algum sentido. Este problema é aliás tratado numa área de investigação autónoma na qual Simon Borg, também participante neste volume, desenvolve o seu trabalho. No âmbito da pesquisa acerca da atividade e desempenho do professor de línguas, justifica a necessidade que Ellis *vê na proximidade entre docentes e académicos*, destacando que

there is increasing empirical evidence about what research means to teachers, about initiatives which promote teacher research and about the conditions which facilitate and hinder teachers’ efforts to engage with research as a form of professional development (p. 226).

Tanto o editor como os autores dos capítulos que compõem este volume parecem preconizar e até antever uma era de acesso mais direto à investigação por parte dos professores de línguas que, motivados por dificuldades de cariz prático, tenderão cada vez mais a procurar soluções no meio académico e na investigação autónoma. Este é, aliás, o caso da maioria dos académicos envolvidos na obra.

Todos os investigadores fazem referência ao seu percurso profissional como um caminho mais improvisado do que estudado, mas sobretudo como uma viagem. Os títulos dos capítulos são, neste sentido, esclarecedores na medida em que muitos contêm noções que remetem para esta interseção entre os conceitos de vida, viagem e história. Paul Nation, por exemplo, escolhe “A lexical journey” (pp. 47-57), Dana Ferris apresenta “My story: it was always about writing” (pp. 137-153), Peter Skehan opta por “Sidesteps towards applied linguistics: In search of a career” (pp. 89-117) e Susan Gass regista “The road travelled” (pp. 253-273). Por

outro lado, o desenrolar de algumas destas carreiras foi casual ou até imprevisível para os próprios autores no início dos seus percursos profissionais. Ken Hyland refere-se a “A very peculiar practice” (pp. 155-173), Andy Kirkpatrick parte de “Happenstance and circumstance” (pp. 231-251) e o título do capítulo de Anne Burns é simplesmente “From reluctant teacher to teacher educator and applied linguist: A ‘brilliant’ career” (pp. 301-328).

Ellis (2016:331-367) faz referência ao facto de todos os seus colegas, à exceção de Skehan e Hyland, terem sido aprendentes de pelo menos uma L2 antes de experimentarem ensinar inglês que, à exceção de Dörnyei, é a L1 de todos. De facto, as experiências que tiveram como estudantes de outras línguas são apontadas como uma influência determinante não só sobre a prática docente mas também sobre a perspetiva que imprimiram às suas carreiras como investigadores. Também no campo das suas formações de base, Ellis (2016:345) regista que, apesar de se situarem todos na área das Humanidades, há diferenças que explicam os campos de atuação e os interesses de todos. A maioria dedicou-se à literatura ou às línguas modernas, mas Hyland, por exemplo, é sociólogo e Skehan psicólogo, o que certamente ajuda a compreender os pontos de vista de ambos sobre o ensino-aprendizagem de L2s.

Não obstante as diferenças, outro traço comum a muitos dos autores é o ensino de inglês como L2 no estrangeiro na fase inicial das suas carreiras. Na verdade, a principal motivação para se tornarem professores de inglês parece ter sido o desejo de viajar, como foi o caso de Ellis, Hyland (p. 350) ou Skehan (p. 92). O editor da obra refere que “[i]n the main, they did so in the absence of any training in how to teach English although some received training while in their positions” (Ellis 2016: 346). A inegável variedade de experiências decorrente desta iniciação pouco preparada ao ensino, sobretudo por parte dos autores ingleses, (Hyland, por exemplo, ensinou inglês a crianças no Sudão e na Papua Nova Guiné, entre outros países, antes de se estabelecer na Nova Zelândia enquanto Skehan foi professor numa escola primária de Londres) contrasta com o percurso inicial mais estável e mais centrado no universo académico dos autores norteamericanos, como Ferris ou Chapelle que nunca deixaram o contexto universitário e o ensino a adultos.

O primeiro contacto com a prática docente levou a que os autores desenvolvessem um interesse particular pelas áreas de pesquisa que ainda hoje, em muitos casos, são as suas, mas levou sobretudo a que sentissem a necessidade de regressar à universidade a fim de melhorarem o seu desempenho profissional. Dörnyei, por exemplo, relata o seguinte:

Why did I want to do a PhD? My main objective was not to prepare for a university job or to obtain the prestigious title of ‘Dr’; I was very much a language teacher at heart but a *frustrated* language teacher. (p. 121)

Alderson é mais específico:

Soon it became clear to me that I needed to study more about language teaching, not only the practice, the methodology and the textbooks, but also the theoretical principles behind the practices advocated by colleagues and what little I had read. (p. 62)

Este regresso à academia leva quase todos os participantes neste volume ao desenvolvimento de estudos doutorais (à exceção de Nation que nunca concluiu o doutoramento) que, de acordo com Ellis “were their entry into research and were instrumental in their transformation from language teachers or teacher trainers into academics” (Ellis 2016: 349). Muitos tinham já experimentado trabalho de pesquisa enquanto docentes, como o próprio Ellis, autor de manuais em coautoria com Brian Tomlinson quando ambos trabalhavam em escolas secundárias na África, ou de Hyland, também ele autor publicado antes de finalizar o doutoramento.

A porta que se abriu aos autores destes 13 capítulos em virtude da frequência de estudos doutorais é descrita por Ellis (2016) como um “turning point” (Ellis 2016: 357) pela importância que assume na expansão da sua identidade profissional, embora todos se assumam como professores mesmo quando nunca tiveram a intenção de sê-lo. A conciliação das várias identidades profissionais (investigadores, formadores de professores de línguas, docentes de línguas) a que Ellis alude (p. 357) surge como um fator vantajoso para a perspetiva que imprimem ao trabalho de investigação que desenvolvem, adicionando valor ao contacto com os estudantes e com os docentes de L2s. Adicionalmente, todos desenvolveram a sua atividade académica e docente em instituições diferentes. Sobressai, do relato desta variedade de experiências comum a todos, um saldo positivo para a qualidade do trabalho em virtude dos contactos que estabeleceram, das necessidades a que deram resposta nos contextos variados em que trabalharam e das responsabilidades que lhes foram atribuídas à medida que progrediam profissionalmente.

Ellis compõe uma conclusão que incide sobre vários aspetos das narrativas. Faz uma análise não só das circunstâncias e características dos colegas e de si próprio, mas da Linguística Aplicada enquanto disciplina autónoma. Esta área de estudos não é só um denominador comum a todos os participantes no volume em apreço; é também uma área que se desenvolveu por ação destes e de outros investigadores nos últimos 40 anos. Ao longo do volume, perpassa a visão multidisciplinar de vocação prática que Ellis apresenta da Linguística Aplicada logo na introdução (pp. 1-13), na medida em que é reiterada pelos restantes autores.

Há ainda três pontos que sobressaem das visões que alguns destes académicos antecipam em relação ao futuro da Linguística Aplicada ao ensino de línguas. Dörnyei prevê uma interação cada vez mais dinâmica entre a psicologia cognitiva e

as abordagens didáticas ao processo de ensino-aprendizagem (p. 131). Lightbown chama a atenção para a crescente diversidade que é possível encontrar nas salas de aula e para a conseqüente necessidade de evitar generalidades que pretendam abranger todos os aprendentes em todos os contextos de aprendizagem (p. 207). E Alderson espera que o movimento comunicativo abra definitivamente espaço a uma preparação metalingüística sólida que permita aos aprendentes de L2s (e não só) um uso mais preciso das línguas, um controlo mais efetivo do processo de aprendizagem e uma compreensão mais profunda das suas L1s e das L2s que se proponham utilizar (p. 75).

Finalmente, Ellis atribui tensões entre as duas alas em que se dividem

those who see themselves as working in ELT/ TESOL and who hold that good practice should be based primarily on teachers' experience of what works in their classrooms and those in Applied Linguistics who feel that language teaching should be informed by relevant theory and research. (Ellis 2016: 333)

De acordo com o editor de *Becoming and Being an Applied Linguist*, esta tensão sobreveio a uma fase de colaboração entre linguistas e professores de línguas e decorre da convicção de que deve existir uma separação entre teoria e prática que se perpetua, de acordo com Ellis (2016: 341-342), na conceção de programas académicos, na linha editorial de muitas publicações e no funcionamento de divisões académicas.

A conclusão com que o autor fecha o volume reforça a necessidade de alimentar uma interação saudável entre teoria e prática, justificando-a com base nos testemunhos dos 13 académicos, formadores de professores e professores de línguas que partilham as suas histórias profissionais neste volume. Nesse sentido, esta é uma publicação que interessa sobretudo ao docente em formação, na medida em que representa uma perspetiva histórica sobre o desenvolvimento e afirmação do ensino-aprendizagem de línguas na dependência da Linguística Aplicada, sobretudo no universo anglófono que é também aquele que mais cedo investiu nesta área de formação e investigação em virtude das circunstâncias decorrentes do pós-guerra.

Recebida em novembro de 2016; aceite em janeiro de 2017.